

## Paulinho de Brito ( Almir Diniz )



O escritor Antônio Marques de Carvalho, patrono da cadeira 23 da Academia Paraense de Letras, em estudo de grande repercussão na Amazônia, notadamente no Estado do Pará, chamou ao mestre Paulino de Brito de “chefe da literatura amazônica”.

Na verdade, bem mereceu o escrito o galardão de “príncipe da literatura amazônica” porque “esse poeta primoroso, jornalista de pulso, romancista magnífico, conteur elegante, polemista respeitado, filólogo eminente, esse Paulino de Brito foi, por sem dúvida, a mais agigantada figura do cenário das letras da Amazônia”.

O cronista da antiga revista *Redenção* que circulou em Manaus e de onde se extraiu o texto transcrito, continua: “Mestre respeitado e querido, ninguém lhe disputava o lugar; antes porfiavam todos em proclamá-lo o *Rrimus inter Rares* do nosso mundo intelectual (...)”

Não terá sido portanto, sem razão, que Paulino de Brito além de haver recebido o reconhecimento da Academia Amazonense de Letras que o fez patrono de sua cadeira 39, também foi distinguido pela Academia Paraense de Letras que o homenageou concedendo-lhe o patronato da cadeira 34.

O professor Paulino de Brito nasceu em Manaus no dia 09.04.1858, filho do capitão de artilharia Paulo Brito e da Sra. Ricarda de Almeida Brito. Muito cedo ficou na orfandade, amargando a morte de seu genitor, sacrificado num campo de batalha da Guerra do Paraguai em defesa da Pátria D. Ricarda que fora ao Sul, com os filhos menores, para acompanhar de perto as ações do marido no teatro da conflagração lindeira, carregava com a viuvez a desdita da penúria. Entretanto, D. Pedro II, indo ao Sul do país teve conhecimento da desdita de D. Ricarda e decidiu socorrer-la. Visitou-a. E, de pronto, determinou que o Império custeasse a educação dos órfãos. Desconhece-se se a ordem imperial foi cumprida porque, de repente, Paulino de Brito aprendia os rudimentos da tipografia e/ou se engajava no serviço de caixeiro de seringal, no Purus, para sobreviver. E sobreviveu. E amealhou o suficiente para comprar passagem em embarcação da rota para Belém. Na capital paraense conseguiu matrícula na Escola Normal em cujo colégio, muito tempo depois ensinaria o idioma nacional depois de vitoriar-se em concurso público. Mas, naquela oportunidade Paulino sonhava alto. Queria cursar direito na famosa Escola do Recife. E teve uma idéia. Exibia-se então, em Belém, a famosa atriz portuguesa Emília Adelaide com sua Companhia de Comédias e Variedades.

Procurou-a e lhe expôs seu problema. A artista lusa condoída da situação do moço realizou um espetáculo em benefício do mesmo, com êxito financeiro. Na posse dos recursos conseguidos Paulino de Brito seguiu para a capital pernambucana onde se matriculou na Faculdade de Direito do Recife.

A bolsa conseguida graças à compreensão de Emília Adelaide não era, entretanto, suficiente para a conclusão do curso, por isso Paulino decidiu-se por ministrar aulas particulares, encontrando nessa atividade uma de suas vocações.

Somente aos 33 anos incompletos Paulino de Brito conseguiu concluir o curso de direito. Mas não se adaptou à advocacia, preferindo dedicar-se de corpo e alma às letras. Do tipógrafo que fora evoluiu na vida jornalística até ascender a redator-chefe do principal jornal de Belém.

Na Província do Pará, usando o pseudônimo de “Rosa dos Ventos” e no Estado do Pará e no jornal religioso A Palavra fez época com seus artigos e sua coragem, dividindo o seu trabalho na imprensa com soberba atuação no magistério onde se fez conhecido e respeitado não só lecionando mas, sobretudo, editando seus livros didáticos – *Gramática Primária da Língua Portuguesa e Gramática Complementar*. Havendo publicado livro sobre a exata Colocação dos Pronomes, com ele e sobre o assunto polemizou o dicionarista português Cândido de Figueiredo, travando-se acesa batalha em torno da matéria.

Na trincheira da imprensa, mormente pelas páginas da “Folha do Norte” terçou armas, corajosamente, em prol da abolição da escravatura negra no Brasil. E deixou, na Amazônia, um soberbo rasto de sua inteligência privilegiada quer como poeta e cronista, contista e filólogo, ou como professor e romancista, registrando em livros por geral aplaudidos, o fulgor de sua sabedoria: *Noites em Claro*; *O Homem das Serenatas* (romance); *Histórias e Aventuras* (contos); *Dolores* (romance); *Brasileirismos*; *Cantos Amazônicos*...

O poema “Rio Negro” é um canto de amor à sua terra:

*Na terra em que nasci, desliza um rio  
ingente, caudaloso, porém triste e sombrio...*

*Como noites sem astros, tenebroso;  
qual negra serpe sonolento e frio,  
parece um mar de tinta, escuro e feio.  
(...)*

O severo Sylvio Romero fez-lhe o elogio da obra. E o acadêmico Clóvis S. de Moraes rego, da Academia Paraense de Letras ao agradecer, na Academia Brasileira de Letras (RJ, 27/01/1975) a concessão da medalha “Machado de Assis” que lhe fora outorgada, referindo-se à Literatura amazônica, depôs para a História das Letras Nacionais:

... “a Seleta e Documentário” de Paulino de Brito, poeta, prosador e filólogo, mais famoso, entretanto pela obra didática, de vez que na sua Gramática estudaram todas as gerações amazônicas durante cerca de meio século” (Revista da Academia Paraense de Letras, XVIII, 1975).

Este, o notável amazonense que faleceu em Belém dia 16.09.1919, e que é pouco conhecido na sua terra .

